REVISTA FILOTEOLÓGICA
REVISTA DA FACULDADE CATÓLICA DE FEIRA DE SANTANA

A busca pela felicidade: contribuições teóricas de Zygmunt Bauman para uma análise da sociedade contemporânea

The pursuit of Happiness: theoretical contributions of Zygmunt Bauman to an analysis of contemporary society

João Pedro Alves Rocha

Mestrando no Programa de Pós-graduação em Administração Pública pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) e Professor do Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais

joao.rocha205@educacao.mg.gov.br

http://lattes.cnpq.br/4894680043418322

Resumo

O presente artigo é uma proposta de investigação histórica acerca do caminho percorrido pelo homem, enquanto ele busca pela felicidade. A partir de uma breve revisão histórica do conceito até chegar na perspectiva proposta por Bauman, tem-se o intuito de demarcar as possíveis contribuições de suas reflexões teóricas para uma melhor compreensão, na contemporaneidade, do sentido que o homem moderno-contemporâneo atribui à felicidade e elucidar possíveis rupturas e continuidades ocorridas entre a "modernidade sólida" e a "modernidade líquida" (conceito cunhado por Bauman para quem nessa nova sociedade "nada é feito para durar"). Metodologicamente, o estudo aqui proposto terá caráter descritivo e partirá de uma revisão bibliográfica, levando-se em conta alguns dos aspectos da evolução histórica do conceito de felicidade, abarcando autores que direta e indiretamente influenciaram ou, de algum modo, corroboram com as propostas de Bauman.

Palavras-chave: Bauman. Modernidade Líquida. Modernidade Sólida. Felicidade.

Abstract

This article is a historical investigation into the path taken by humankind, in its pursuit of hapiness. Starting with a brief historical review of the concept and moving towards Bauman's perspective proposal, the aim is to highlight all possible contributions of his theoretical reflections to a better understanding of the meaning atributted to hapiness by the modern-contemporary humans nowadays. This research also intends to elucidate possible ruptures and persistences between "solid modernity" and "liquid modernity" (a concept, defended by Bauman, to discribe a new society in which "nothing is made to last"). Methodologically, the study proposed will be descriptive in nature and will be based on a bibliographic review, taking into account some aspects of the historical evolution of the hapiness concept, including authors who have directly or indirectly influenced or, in some way, corroborated Bauman's propositions.

Keywords: Bauman. Liquid Modernity. Solid Modernity. Happiness.

1 Introdução

Nos seus estudos e análises sociais, um dos primeiros aspectos que Zygmunt Bauman (1925-2017) ressalta é que os seres humanos, desde o seu surgimento, são, na sua animalidade, seres voltados para o consumo. Seja para suprir as suas necessidades fisiológicas, seja para obter um conforto maior na vida, consumir faz parte da genética do homem, tendo em vista a sua subsistência e realização pessoal ou do grupo no qual ele está inserido. Nesse aspecto, ainda que não houvesse um consenso sobre o conceito de felicidade, era isso que os homens almejavam.

Quando surgem as primeiras noções do que seria tal objetivo de incessante busca, vê-se o desenrolar de uma problemática que vai além de uma meta humana, pois se esbarra na individualidade e diversidade de cada ser humano em suas aspirações, suas necessidades fisiológicas, seu círculo social, dentre inúmeros outros fatores que fazem com que a felicidade seja, do ponto de vista concreto, algo indefinido, peculiar a cada indivíduo e intransferível.

A forma de pensar, agir e se satisfazer perante o mundo evoluiu e modificou-se profundamente ao longo dos séculos, acompanhando a história do homem e as suas reviravoltas. No entanto, talvez tenha ganhado rumos até então não observados quando, no fim do período moderno e adentrando o período contemporâneo, uma nova era se inaugura na história, em virtude da Revolução Industrial (1760 – 1840).

O mundo, como era conhecido, experimentou mudanças significativas, desde os seus valores e costumes, influenciando diretamente no comportamento dos indivíduos e as suas relações interpessoais. Nesse momento, teóricos sociais como Karl Marx (1818-1883) e Émile Durkheim (1858-1917) se debruçaram no trato das mudanças da lógica da sociedade contemporânea, o que preparou o terreno para muitas das reflexões de autores posteriores. Seguindo essa lógica, influenciado principalmente pelas teorias de Marx, Zygmunt Bauman (1925-2017), ao se debruçar

sobre as questões sociais, enfatiza esse processo de transição pela qual a sociedade passou, dividindo-o em dois períodos: “modernidade sólida” e “modernidade líquida”.

Esse processo de transição fez com que os valores se modificassem a tal modo que questões em que o homem tinha tanta certeza “caíssem por terra”, como consequência do advento e acelerado desenvolvimento tecnológico das ciências modernas empíricas, que, cada vez mais, ofereceu ferramentas para que o homem entendesse o funcionamento do mundo que o cerca, chegando até mesmo à possibilidade de manipulá-lo.

A partir daí, com o constante avanço tecnológico, esse processo tem se consolidado cada vez mais. Nesse sentido, para uma boa compreensão da análise social, as reflexões de Bauman sobre a busca do homem pela felicidade envolvem os temas do consumismo, da liberdade e dos valores morais como pontos-chave para o exercício de compreensão do passado, análise do presente e reflexão do futuro para o qual a sociedade tem caminhado, considerando principalmente a velocidade na qual isso tem ocorrido.

Neste patamar alcançado pelo homem, outra preocupação que ele viu acirrar diante de si é a sua finitude. A morte que ronda o homem chega, muitas vezes, sem um “aviso prévio”, o que desperta mais ainda nele a vontade de viver o momento presente, com o máximo de conforto e de prazer possíveis, uma vez que se vê a inquietude da incerteza de novas oportunidades.

A busca de satisfação com a qual o homem se preocupa diariamente, face à insegurança e medo que a morte lhe causa, é muito explorada pelo mercado, que a todo instante faz promessas de uma vida cada vez mais confortável e prazerosa, tentando solucionar diretamente suas questões internas, principalmente quando se trata de um ideal de vida padronizado.

Nas suas obras, Bauman aponta a lógica do mercado capitalista e o consumo exagerado como os principais problemas a serem enfrentados, pois, na sua concepção, na sociedade contemporânea é muito perceptível a noção de felicidade sempre ligada ao poder aquisitivo que uma pessoa tem: quanto mais ela puder comprar, mais feliz ela será. Nesse ponto, o autor alerta para que essa lógica tem sido transposta para as relações interpessoais, objetificando o ser humano e tornando-o cada vez mais “consumista” de prazeres momentâneos e em excesso, mas nem sempre com qualidade e durabilidade.

Observar historicamente como o conceito chegou até a sociedade atual e como Bauman o recebe é, sem dúvida, um caminho facilitador para compreender as suas obras. A sociedade contemporânea está permeada pela velocidade da evolução tecnológica, pelo excesso diário de informações e de opções de escolha. As pessoas acreditam serem livres para trilhar o próprio

caminho e construir a sua história, independente do rumo do mundo ou de alguma divindade que esteja acima dele e sem se preocupar com a sua finitude. Neste cenário, torna-se então necessário perguntar, como objeto deste estudo: quais os fundamentos teóricos da crítica de Bauman à lógica social vigente no mundo contemporâneo que contribuem para a análise da atual compreensão da busca humana pela felicidade?

2 Objetivos

O objetivo geral do presente artigo é analisar historicamente o caminho traçado pelo homem na busca da felicidade e, em um segundo momento, confrontar com a visão de Bauman sobre a sociedade contemporânea e o sentido que se tem em relação à busca do homem por uma vida feliz.

A partir daí, o caminho traçado consistirá, principalmente em: a) contextualizar historicamente o conceito de Felicidade; b) compreender o processo de transição da modernidade sólida para a modernidade líquida, descrito pelas reflexões de Bauman sobre a sociedade; c) analisar como a transição da modernidade interferiu nos valores e, portanto, na relação do homem com os objetos e com outros indivíduos; d) discutir a questão do consumo no mundo globalizado e a interferência do mercado na compreensão do homem sobre si e sobre o mundo que o cerca.

3 Justificativa

A sociedade contemporânea, com o seu modelo de vida permeado de constantes inovações e mudanças no campo da tecnologia, além de mudanças conceituais e práticas de vida, tem forçado as pessoas a darem sentido e forma às suas vivências, enquanto julga cada indivíduo pela sua forma particular de viver, os resultados que obtêm, o que faz o homem pensar que a arte da vida é alcançar, a todo custo, a felicidade.

Esse movimento imposto pela sociedade moderna “líquida”, como define Bauman, criou inúmeras compreensões, muitas vezes utópicas, do que seria uma vida feliz, colocando-as à disposição dos homens, maquiadas como formas de vida longe dos sofrimentos, das angústias e do vazio.

De certo modo, acabou-se por criar uma visão anestesiada da vida, explorada, sobretudo, pela lógica do mercado de consumo. Este, ao bombardear os homens com inúmeras opções e promessas, acaba por não os possibilitar desenvolver um senso crítico diante da sua própria história, fazendo com que apenas sigam o “fluxo” do que lhes é imposto e retirando das suas mãos o pleno protagonismo das experiências de vida, tornando-se cada vez mais vazios de sentido. As pessoas

apenas seguem normas e padrões de vida mecanizados e padronizados, que não levam em consideração as particularidades de cada indivíduo, suas aspirações, vivências e necessidades, que estariam na base do que seja, de fato, uma vida plena e feliz para cada um.

Tratar da questão da busca do homem pela felicidade se faz necessário, principalmente, em virtude de ser esta, de certo modo, o "lugar" para o qual todas as escolhas do homem convergem, levando-se em consideração que cada indivíduo faz as escolhas segundo aquilo que lhe trará um conforto, uma vida distanciada dos problemas e dificuldades que ele possa enfrentar.

O presente estudo propõe-se fazer uma descrição, acompanhada de uma aprofundada reflexão sobre o caminho percorrido pela sociedade contemporânea, para entender quais são os aspectos que moldam a percepção das pessoas acerca do que é a felicidade, se ela é possível plenamente e quais são os parâmetros que as pessoas têm utilizado ao desenvolverem essa busca incessante.

Através da visão de Zygmunt Bauman (1925-217), a pesquisa aqui proposta pretende analisar os aspectos práticos e materiais que regem a forma com que o homem constrói seus ideais do que seja uma vida feliz, levando-se em consideração a vertente materialista na qual o sociólogo polonês trabalha as suas obras, para permitir uma compreensão no campo prático da vida e entender quais são as condições e os limites que, atualmente, influenciam o homem nos seus projetos de vida.

Do ponto de vista científico, este estudo almeja agregar novas visões acerca do tema proposto, muito presente no senso comum, mas, de certo modo, não explorado diretamente, pois figura muitas vezes apenas como pano de fundo de trabalhos que tratam, por exemplo, da questão de doenças psicossomáticas como a ansiedade e a depressão, chegando até mesmo à questão do suicídio. Para tal tarefa, se utilizará aqui da visão baumaniana do tema, fundamentada em outros autores que, direta e indiretamente, influenciaram o pensamento de Bauman, buscando, assim, uma solidez maior no trato do assunto.

Do ponto de vista social, o estudo pretende trabalhar, de maneira simples, mas aprofundada, a concepção atual de felicidade, muito presente no senso comum, principalmente por ser de ordem prática. Ao propiciar um ângulo maior de visão acerca do tema, a reflexão pode ajudar as pessoas a se aproximarem mais do trato crítico com relação à sua busca pessoal e entender a origem social das questões que envolvem a discussão.

Além disso, propiciará uma discussão no campo mais prático, objetivo e norteador de novas percepções, valendo-se da interdisciplinaridade entre a Sociologia e a Filosofia e outras áreas de

conhecimento como a História e a Psicologia, para uma discussão mais ampla e aprofundada da perspectiva atual do homem pela busca da felicidade.

4 A busca pela felicidade: o que há de errado?

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-217) desenvolveu uma crítica à sociedade e à lógica social vigente no mundo contemporâneo em diversos dos seus livros. Dentre eles, podem-se destacar as obras *Modernidade Líquida* (2000), *Arte da Vida* (2008) *e Vida Líquida* (2005). A partir da perspectiva sociológica, Bauman analisou as transformações da sociedade moderna, o quanto elas interferiram nas emoções pelas quais os homens passam e como isso moldou as formas de se buscar a felicidade.

Para a compreensão das teorias de Bauman acerca desta busca do homem, o ponto de partida é a análise que o autor traça acerca dos temas do consumismo, da liberdade e da moral. Isso porque, esses são aspectos que, desde o início da sua obra *A Arte da Vida* (2008), já são demarcados pelo autor.

No início da obra, Bauman apresenta um contraponto da ideia de felicidade com a lógica proposta pelo mercado às pessoas. Já nas primeiras páginas do livro, no capítulo introdutório intitulado “O que há de errado com a Felicidade”. Ele diz que:

> Parece que a busca dos seres humanos pela felicidade pode muito bem se mostrar responsável pelo seu próprio fracasso. Todos os dados empíricos disponíveis indicam que, nas populações das sociedades abastadas, pode não haver relação alguma entre mais riqueza, considerada o principal veículo de uma vida feliz, e maior felicidade (Bauman, 2021a, p. 8).

O primeiro tema e, talvez, o fio condutor da maior parte das obras do autor já começa a aparecer. Trata-se, aqui, do problema do consumismo. De forma mais especifica, ele questiona o senso comum de que exista uma relação direta entre o poder aquisitivo de uma pessoa e a sua capacidade de ser ou não feliz na vida. Mais adiante, ele ainda diz que “a íntima correlação entre crescimento econômico e maior felicidade é amplamente considerada uma das verdades menos questionáveis, talvez até a mais autoevidente” (Bauman, 2021a, p. 8).

Em uma entrevista para o jornal espanhol *La Vanguardia* (26 mai.2014), Bauman, ao ser questionado sobre o consumismo, chama atenção para o fato de que os seres humanos, desde o seu surgimento, são, em sua animalidade, seres para o consumo. Ele diz que o homem não “pode escapar do consumo: faz parte do seu metabolismo! O problema não é consumir; é o desejo

insaciável de continuar consumindo. Desde o paleolítico, os humanos perseguem a felicidade. Mas os desejos são infinitos" (Bauman, 2014).

Percebe-se que o consumo é algo necessário ao ser humano, principalmente como forma de suprir as suas necessidades fisiológicas e para sua subsistência pessoal ou em grupo. Não é natural o homem querer sentir dor ou querer a tristeza. Portanto, sempre foi inerente ao homem consumir para que, assim, ele possa alcançar seus objetivos pessoais. Bauman diz que:

> Por toda a história humana, as atividades de consumo ou correlatas (produção, armazenamento, distribuição e remoção de objetos de consumo) têm oferecido um suprimento constante de "matéria-prima" a partir da qual a variedade de formas de vida e padrões de relações inter-humanas pôde ser moldada, e de fato o foi, com a ajuda da inventividade cultural conduzida pela imaginação (Bauman, 2022, p. 38).

Em outras palavras, isso quer dizer que, mesmo que não houvesse um nome explícito para tal sensação, o consumo para subsistência é o que leva o homem a suprir aquilo que lhe é necessário para viver, portanto, aquilo que pode lhe trazer realização é a sua fonte de felicidade. Nesse aspecto, o conceito foi se construindo ao longo da história do homem, principalmente em virtude do advento da Filosofia.

5 A evolução do conceito "felicidade" ao longo da história

A ideia do consumo como um aspecto inerente à natureza humana permeia a todo instante as teorias de Bauman acerca da busca do homem pela felicidade. Traçar a construção histórica e conceitual, portanto, se mostra uma maneira eficaz de compreender não só a teoria do sociólogo polonês, mas também como o homem lidou com a busca pela realização pessoal ao longo dos séculos (White, 2009, p. 12).

Quando surgem as primeiras formulações conceituais do que seria a "felicidade", observa-se que ela seria algo que não se encontra no fim de uma jornada, ou mesmo que possa ser plenamente definida e conceituada. White (2009, p. 14) diz que "articular o conceito não é fácil. As pessoas perguntam-se o que é a felicidade e não julgam fácil responder, embora pensem que devam ser capazes de fazê-lo".

Isso é resultado da individualidade de cada ser humano, carregada de aspirações particulares, suas necessidades fisiológicas, seu círculo social, dentre inúmeros outros fatores, que fazem com que a felicidade seja, do ponto de vista concreto e material, algo indefinido, individual e intransferível (White, 2009, p. 15).

Pensar essa construção histórica do conceito, de maneira linear, é uma tarefa complicada. Porém, ao olhar para a história, percebe-se que em cada período as percepções do homem estão carregadas do "espírito da época". Nicholas White (2009, p. 9), no prefácio de sua obra *Breve História da Felicidade* (2009), diz que:

> A história da felicidade não é uma história comum, e o tema não é, de nenhuma maneira, comum. A ideia de felicidade nos direciona para uma avaliação todo-abrangente da condição de uma pessoa. Ela pretende, pelo menos, levar em conta todas as considerações sobre o que é desejável e vale a pena. Assim, a história da felicidade pode afirmar que é relevante para todas as coisas que dizem respeito aos seres humanos ou mesmo a outros seres.

Deste modo, diante da amplitude do tema, ressaltam-se alguns autores e pensadores, que podem fornecer mapas conceituais e bases teóricas para a compreensão do tema e da teoria baumaniana acerca da questão da busca do homem pela felicidade. Portanto, pretende-se, aqui, trazer à luz alguns dos principais pensadores que, direta ou indiretamente, influenciaram no pensamento de Zygmunt Bauman.

5.1 A evolução do conceito no período grego

Na atualidade, a pergunta "o que é felicidade?" pode ter várias respostas diferentes, conforme as particularidades de cada indivíduo. O Dicionário de Filosofia (Abbagnano, 2000, p. 434) define que a ela seja, "em geral, estado de satisfação devido à situação no mundo".

A partir dessa definição, ao longo de cerca de três páginas, o dicionário traz uma construção histórica dos principais aspectos do conceito ao longo dos séculos, nos mais diversos pensadores, perpassando desde a antiguidade clássica, com Tales de Mileto (624-558 a.C.), até às noções contemporâneas (Abbagnano, 2000, p. 434-436).

A ideia de felicidade tem grande importância para a origem da Filosofia desde as primeiras discussões no mundo grego antigo. Neste primeiro período, o homem e tudo o que diz respeito a ele é sempre visto sob a ótica do universo do qual ele faz parte. Portanto, os filósofos da Grécia antiga, ao se debruçarem sobre o tema da busca do homem por sua realização no mundo, sempre trabalhavam a partir da perspectiva cosmocêntrica.

O termo usado em grego para definir felicidade é "*eudaimonia*". Traduzir esse termo não é tão simples. Outros significados atribuídos são bem-estar, prazer, sucesso, dentre outros. Etimologicamente, a palavra é composta do prefixo "*eu*", que significa "bom", e de "*daimon*", que se pode traduzir por demônio. Isso quer dizer que, para alguém ser feliz, deve-lhe ser concedido um

"bom demônio", uma espécie de semideus para os gregos, que o acompanhasse durante toda sua vida (Castanheira, 2005, p. 100).

Historicamente, a referência mais antiga do tema, de que se tem conhecimento, é um fragmento de um texto de Tales de Mileto (624-558 a.C.), que viveu do século VII a. C. à metade do século VI a. C. Ele define que é feliz "quem tem corpo são e forte, boa sorte e alma bem formada" (Abbagnano, 2000, p. 434).

De maneira análoga a Tales de Mileto (624-558 a.C.), Demócrito de Abdera (460-370 a.C.) dizia que, para que o homem se torne capaz de atingir a felicidade, é necessário deixar de lado as ilusões e os desejos com relação às coisas do mundo e buscar a serenidade. Para ele, a ela era a "medida do prazer, a proporção da vida" (Abbagnano, 2000, p. 434).

Novos rumos para a discussão começam a partir de Sócrates (469 a.C./399 a.C.), que postula a busca da felicidade em relação não apenas aos desejos e necessidades do corpo, mas também como uma tarefa da alma. Nesse sentido, alcança-la se faz possível apenas por meio de uma conduta virtuosa e justa.

A busca, então, passa a ser entendida como sendo tarefa inerente à alma. Foi Platão (427 a.C. - 347 a.C.) que, ao considerar que cada coisa no mundo tem sua função específica, levou a discussão mais adiante e postulou que a função da alma é ser virtuosa e justa. Sendo assim, é desse modo que uma pessoa é capaz de realizar-se. Sócrates e Platão desenvolveram suas filosofias a partir do ideal das funções da alma e do exercício da virtude como necessários para se alcançar a felicidade (Silva, 2022, p. 16-17).

Sem deixar essas ideias de lado, mas trazendo a discussão para um campo mais físico do que ideal, Aristóteles (384-322 a.C.), ao postular o homem como "animal racional", conclui que a maior virtude da alma humana é o exercício do pensamento. Nesse sentido, o homem, para atingir a felicidade, precisa exercer a sua natureza, ou seja, o pensar racional (Silva, 2022, p. 18).

Deste modo, coloca-se o processo de realização em um nível intelectual, em que o exercício do pensar é o caminho que leva o homem a identificá-la. Além disso, levando para um campo prático, Aristóteles (384-322 a.C.), por considerar a política como extensão da ética, considerava que o Estado deveria ser garantidor de condições para o homem alcançar a felicidade (Silva, 2022, p. 19).

Nesse período, historicamente, a *polis* grega estava deixando de existir, para dar lugar ao Império Grego, sob o domínio de Alexandre, o Grande (356-323 a.C.), do qual Aristóteles foi preceptor. A partir daí, desenvolveram-se outras escolas de pensamento que se estenderam até o

período do Império Romano e, por caminhos diferentes, chegaram à conclusão de que para o homem ser feliz é preciso que ele seja autossuficiente e indiferente com relação ao que acontecia ao seu redor.

Ressalta-se, entre os helenistas, Epicuro de Samos (341 a.C. - 271 a.C.) que defendia, de maneira análoga ao pensamento de Aristóteles, a busca por um equilíbrio nas vivências dos prazeres. É deste modo que o homem é capaz de alcançar a felicidade, uma vez que o prazer não deve ser abdicado, sendo essencial e parte do processo (Filho, 2009, p. 12).

Em sua Carta a Meneceu, Epicuro deixa claro de qual prazer está falando: não é o prazer dissoluto ou desregrado, mas sim aquele que liberta o homem dos desejos desenfreados e das necessidades. Para isso, ele coloca um caminho de reflexão para ser percorrido: correta compreensão dos deuses; correta compreensão de si e dos desejos; correta compreensão da morte (Filho, 2009, p. 13).

Em um artigo intitulado "O Epicurismo e a Ética: uma ética do prazer e da prudência", Filho (2009, p. 13) diz que, para Epicuro, a felicidade é resultado do exercício da Filosofia. Em suas palavras:

> No primeiro parágrafo de sua carta, Epicuro exorta a todos a filosofar, pois, no seu dizer, ninguém é muito jovem ou velho demais para alcançar a saúde da alma (*psychèn hygíeia* – os tradutores brasileiros preferem dizer "saúde do espírito", mas "saúde da alma" é mais exato). No mesmo parágrafo, ele fala da felicidade ou do ser feliz (*eudaimonía*) como resultado da filosofia. Isso permite associar diretamente o que ele chama de "saúde da alma" com a "felicidade".

De maneira análoga ao que Tales de Mileto (624-558 a.C.) já havia proposto, na filosofia epicurista, "buscar a felicidade significa buscar o prazer equivale a dizer que buscar a felicidade significa buscar a posse da saúde do corpo e da serenidade da alma. Esse é o bem primeiro e próprio dos indivíduos humanos (*prôton agathòn sýmphyton*) (Filho, 2009, p. 16).

É perceptível, portanto, que, para Epicuro, é por meio de uma vida prudente nas vivências que o homem se tornaria capaz de atingir seu objetivo de uma vida feliz, de maneira duradoura. Portanto, sua ética fica conhecida como a ética do prazer e da prudência (Filho, 2009, p. 16).

5.2 A evolução do conceito na patrística e período medieval

Com o fim do mundo helênico e o advento da Idade Média (476 d.C), a felicidade não aparece muito no horizonte da filosofia. Na grande virada que a filosofia e todo o mundo ocidental

sofrem ao passar da visão cosmocêntrica para a visão teocêntrica, ela passa a estar intimamente ligada à noção da salvação da alma.

Em certo aspecto, já não importa mais o que o homem vive aqui na terra, desde que isso culmine com a sua salvação. Dois grandes expoentes dessa perspectiva são Santo Agostinho (354-430) e Santo Tomás de Aquino (1225-1274), que contribuíram para a conciliação do pensamento cristão com a filosofia grega.

Santo Agostinho (354-430), ao discutir sobre o tema, foi responsável pelo processo de transição e, posteriormente, proporcionou a conciliação entre a Filosofia Antiga e a Filosofia Medieval, contribuindo para a relação entre a consciência proposta pelo cristianismo e a razão filosófica e cientificista apresentada pelos gregos (Silva, 2022, p. 26).

Na filosofia de Santo Agostinho (354-430), a felicidade é colocada como um fim último. Silva (2022, p. 26) diz que:

> Santo Agostinho traz à luz da razão o entendimento que as ações humanas devem tender a um "fim último", se esse for desejo para o homem que almeja dias de paz interior, consigo, com o outro e com o Divino. É a esse fim último que ele chamou "bem supremo" que, segundo o filósofo medieval, é possível em uma vida futura.

Nas próprias palavras de Santo Agostinho (354-430), percebe-se que a felicidade não se trata de algo perecível, passageiro. Portanto, é necessário ao homem a sabedoria nessa busca. Ele diz que:

> [...] todos esses bens sujeitos à mudança podem ser perdidos. Por conseguinte, aquele, que os ama e possui não pode ser feliz de modo absoluto [...] seria a pessoa infeliz pelo fato de querer ser mais [...], por conseguinte, estamos convencidos de que, se alguém quiser ser feliz, deverá procurar um bem permanente, que não lhe possa ser retirado em algum revés de sorte (Agostinho *apud* Silva, 2022, p. 26-27).

Nesse aspecto, Santo Agostinho (354-430) diz que o que seria capaz de garantir a vida feliz aos homens seria a presença de Deus, colocando-a, então, como um dom que Deus concede ao homem. Para ele, Deus é "o porto seguro capaz de proporcionar a verdadeira felicidade aos homens" (Silva, 2022, p. 26).

Seguindo uma forma de pensamento similar, Santo Tomás de Aquino (1225-1274) entende que "a Verdadeira Felicidade é impossível de ser alcançada nesta vida, ou seja, na dimensão terrestre, fazendo-se necessário a transcendência para tal fim" (Silva, 2022, p. 28).

Nesse aspecto, o homem só seria capaz de saborear um pouco da felicidade no mundo. Por esse motivo, Santo Tomás de Aquino (1225-1274), em suas obras *Suma Teológica* (escrita entre os

anos de 1266 a 1273) e *Suma Contra os Gentios* (escrita entre 1259 e 1265), defende a ideia de que existe uma felicidade completa e uma incompleta (Silva, 2022, p. 27-28).

Dessa forma, seguindo um pouco a linha de pensamento de Aristóteles, Santo Tomás de Aquino (1225-1274) diz que na dimensão terrestre o homem é capaz de saborear amostras, através da vivência de uma vida virtuosa, tanto intelectual quanto moral. A partir disso, o homem alcançaria um estado de bem-estar (Silva, 2022, p.28).

Silva (2022, p.28) diz que:

> [...] esse estado de bem-estar que se realiza em partes aqui, na vida terrena, é apenas um norte com amostras grátis do que há de vir na transcendência que, nesta vida, é, apenas, concedida enquanto andarilhos em busca da Verdadeira paz de espírito. Assim, essa pseudo-sensação, na verdade, nunca satisfaz o homem em sua totalidade [...]

Nesse sentido, de maneira análoga a Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino (1225-1274) defende que a felicidade completa só é possível por meio da transcendência, fora deste mundo. Seria necessário, portanto, ao homem,

> [...] se opor a todos os vícios e excluir de sua vida todo o mal que corrói a alma e destrói o homem, logo, se faz necessário despir-se dos prazeres que não edificam o ser, uma vez que, para o Doutor Angélico, essa contemplação ao Divino, consiste no Fim Último, porém convém admitir que a felícia, para Tomás, está para além desta vida (Silva, 2022, p.28).

5.3 A evolução do conceito no período moderno-contemporâneo

Com o fim do período medieval (1453), o tema volta a ser amplamente abordado com o surgimento da Idade Moderna, em que o mundo e a filosofia, novamente, passam por mais uma grande virada de pensamento e de compreensão. Agora, quem está no centro já não é mais o cosmos, muito menos Deus. A medida de todas as coisas, agora, passa a ser o homem.

No período moderno, outra discussão muito presente, principalmente na filosofia contratualista, foi a questão da liberdade, que é algo que se observa muito presente, direta e indiretamente, nas reflexões acerca da felicidade. Filósofos como Thomas Hobbes (1588-1679), John Locke (1632-1704) e Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) trabalharam essa noção de liberdade e como ela rege a vida do homem na sociedade.

Destaca-se, aqui, o pensamento de Rousseau (1712-1778), caracterizado como uma síntese romântica da vida comunitária. Ele pretendia, através do Contrato Social, “conceber uma sociedade

ideal que não seja determinada por interesses particulares, mas nem por isso devem ser afastados (Santiago, 2004, p. 12).

Rousseau (1712-1778) busca uma forma de solucionar o conflito moderno entre a liberdade e a igualdade, que está íntimo à questão da busca do homem pela felicidade. Segundo Santiago (2004, p.13) "Rousseau considera que a vida do homem primitivo seria plenamente feliz porque sabe viver de acordo com suas necessidades vitais, tornando-se um homem autossuficiente e sem angústias."

O homem primitivo, nesse sentido, seria capaz de experimentar uma liberdade genuína e, portanto, uma felicidade genuína, uma vez que, por natureza, todo homem quer ser feliz. Ela é, portanto, alcançada na medida em que as necessidades do homem forem satisfeitas (Santiago, 2004, p. 17).

Quando o homem passa a viver em sociedade, aparece a questão da desigualdade. Nesse ponto, a tensão entre liberdade e felicidade se depara com um obstáculo que precisa ser, pela perspectiva filosófica de Rousseau (1712-1778), eliminada. Seria, portanto, um dever do estado garantir aos indivíduos os meios necessários para que cada qual, nas suas necessidades particulares, pudesse se desenvolver e alcançar a vida feliz (Santiago, 2004, p. 21).

Segundo Santiago (2004, p. 22):

> O homem não passou repentinamente do estado de natureza à vida civil, é um largo processo. Provavelmente algum fenômeno físico distanciou o homem da natureza, visto que Rousseau não crê fielmente que os homens abandonaram espontaneamente essa posição primitiva que lhes proporcionara felicidade e paz.

Com o advento da Revolução Industrial (1760-1840), esse processo de desigualdade começa a se acirrar cada vez mais. O fato de os processos industriais terem fortalecido o sistema capitalista, a desigualdade se torna cada vez mais evidente e toma novas formas pautadas, principalmente, na perspectiva financeira.

Aqui, a questão do consumo começa a ganhar novos contornos. Além daquilo que é necessário e, portanto, um consumo natural do homem, vê-se o início do processo de consumismo, que se torna um demarcador do nível de desigualdade. A sociedade, que até então era de produção, visto que a maioria dos produtos eram feitos de maneira manual, torna-se uma sociedade de consumo, uma vez que os produtos começam a ser produzidos em massa.

Nesse momento, teóricos sociais como Karl Marx (1818-1883), Max Weber (1864-1920) e Emile Durkheim (1858-1917) – responsáveis por inaugurar a sociologia – se debruçam sobre essa mudança da lógica da sociedade.

Destaca-se, aqui, o pensamento de Karl Marx (1818-1883), por ser o de maior influência no pensamento de Zygmunt Bauman (1925-2017). Para Marx, a busca do homem pela felicidade depende diretamente das condições materiais em que ele vive. São essas condições que limitam ou ampliam as possibilidades de um indivíduo se realizar e, deste modo, alcançar a felicidade (Barbosa, 2006, p. 155).

Deste modo, Marx (1818-1883) critica duramente o sistema capitalista, denunciando a exploração e a alienação do trabalhador. Para ele, esse é o maior fator que faz com que os trabalhadores não consigam alcançar verdadeiramente a realização em seu trabalho, ficando sempre à mercê do dono do capital, que visa o lucro ao invés do bem-estar dos trabalhadores (Barbosa, 2006, p. 153).

A lógica do capitalismo estaria, portanto, orientada para a riqueza e o lucro de poucos e não para o bem-estar da maioria das pessoas. A desigualdade já existente na sociedade seria, portanto, acirrada cada vez mais, impedindo os indivíduos de alcançarem a plena realização e, portanto, a felicidade.

6 Bauman e o conceito de felicidade na modernidade líquida

A partir da carga recebida por esses e outros pensadores, principalmente Marx (1818-1883), é que Zygmunt Bauman (1925-2017) vai traçar a sua perspectiva de análise da sociedade, destacando, principalmente, a transição ocorrida na sociedade, que ele vai chamar “modernidade sólida” e “modernidade líquida”.

No que tange à felicidade, o autor aponta a lógica do mercado como o principal “problema” a ser enfrentado. Isso porque, na sociedade atual, a noção do que ela seria está ligada ao poder aquisitivo que uma pessoa tem. Quanto mais ela pode comprar, mais feliz ela será. E essa lógica tem passado para as relações pessoais, tornando as pessoas cada vez mais “consumistas” daquilo que lhe trará prazeres momentâneos e em excesso, mas nem sempre com qualidade e durabilidade (Silva, 2022, p. 39-40).

6.1 Novos valores, consumismo e a busca pela felicidade

Ao cunhar o conceito de "Modernidade Líquida", Bauman argumenta que a sociedade atual, como se organiza na busca pela felicidade, fez com que os indivíduos se tornassem consumistas do "momentâneo". Em suas palavras, Bauman (2021b, p. 158) diz que:

> A instantaneidade (anulação da resistência do espaço e liquefação da materialidade dos objetos) faz com que cada momento pareça ter capacidade infinita; e a capacidade infinita significa que não há limites ao que pode ser extraído de qual quer momento — por mais breve e "fugaz" que seja.

Nesse sentido, Bauman mostra a ruptura de valores que a sociedade sofreu no processo de transição, sobretudo no que diz respeito à construção de uma vida com planos a longo prazo, que era, na modernidade sólida, o que as pessoas buscavam como ideal de uma vida feliz e segura. Em suas palavras:

> O "longo prazo", ainda que continue a ser mencionado, por hábito, é uma concha vazia sem significado; se o infinito, como o tempo, é instantâneo, para ser usado no ato e descartado imediatamente, então "mais tempo" adiciona pouco ao que o momento já ofereceu (Bauman, 2021b, p. 158).

Isso quer dizer que os indivíduos adeptos dessa nova cultura que se formou não veem o longo prazo como oportunidade de uma vida feliz, mas como algo que não tem um acréscimo significativo para a vida. O autor mostra que, nesses novos moldes,

> Não se ganha muito com considerações de "longo prazo". Se a modernidade sólida punha a duração eterna como principal motivo e princípio da ação, a modernidade "fluida" não tem função para a duração eterna. O "curto prazo" substituiu o "longo prazo" e fez da instantaneidade seu ideal último. Ao mesmo tempo, em que promove o tempo ao posto de contêiner de capacidade infinita, a modernidade fluida dissolve — obscurece e desvaloriza — sua duração (Bauman, 2021b, p. 158).

Esse rompimento de uma sociedade mais tradicional, dotada de uma moral com regras bem mais definidas e mais rígidas em seu cumprimento, para uma sociedade dotada de uma moral mais flexível, acabou por gerar uma sociedade mais individualista, mais fluida no que diz respeito às relações interpessoais.

Em seu livro *Mal-estar da Pós-modernidade* (1997) Bauman diz que muitos valores se modificaram drasticamente desde que emergiu a "Modernidade Líquida". A felicidade, que era buscada de maneira a abarcar todos ao redor, passa a ser uma conquista individualista, e a chamada

"liberdade individual" passa a ser a medida para todos os outros valores que a sociedade conhece. Tudo parte do indivíduo, rumo ao próprio indivíduo (Bauman, 1998, p. 9).

Em suas palavras,

> Isso não significa, porém, que os ideais de beleza, pureza e ordem que conduziram os homens e mulheres em sua viagem de descoberta moderna tenham sido abandonados, ou tenham perdido um tanto do brilho original. Agora, todavia, eles devem ser perseguidos - e realizados - através da espontaneidade, do desejo e do esforço individuais (Bauman, 1998, p. 9).

Os valores, que antes conformavam a ação individual com o pensamento da sociedade, ambos caminhando juntos, agora, com a "Modernidade Líquida", passam a ser apenas individualizados, buscando não o bem e a felicidade da sociedade, mas sim visando apenas o subjetivo. O prazer e o bem-estar individual vêm em primeiro lugar.

Em *A Arte da Vida* (2008), o sociólogo Zygmunt Bauman (1925-2017) pretende criar uma relação entre vida e arte, em que o conceito de arte se refere à produção do sujeito, ou seja, um sujeito que seja construtor de si. Portanto, em sua obra, ele vai estabelecendo as ligações entre sociedade de consumo, riqueza e felicidade. É partindo desses pressupostos de reflexão que Bauman afirma que o homem pode criar arranjos, novos modelos de si. Em suas palavras:

> A afirmação "a vida é uma obra de arte" não é um postulado ou advertência (do tipo "tente tornar sua vida bela, harmoniosa, sensata e cheia de significado - tal como os pintores tentam fazer suas pinturas, ou os músicos suas composições"), mas uma declaração de um fato. A vida não pode deixar de ser uma obra de arte se é uma vida humana - a vida de um ser dotado de vontade e liberdade de escolha. Vontade e escolha deixam suas marcas na forma da vida, a despeito de toda e qualquer tentativa de negar sua presença e/ou ocultar seu poder atribuindo o papel causai à pressão esmagadora de forças externas que impõem um "eu devo" onde deveria estar "eu quero", e assim reduzem a escala das escolhas plausíveis (Bauman, 2021a, p. 72).

O debate sobre a questão da felicidade se mostra, na obra de Bauman, em um contexto de dura crítica à vinculação que a sociedade moderna faz com a questão da renda da população. Para ele, esse é um dos maiores fatores geradores da frustração que o homem encontra no caminho, principalmente ao se dar conta de que não é possível comprar muitas das coisas que o homem considera essenciais para uma vida feliz (Bauman, 2021a, p. 12).

Sobre isso, ele diz que:

> Qualquer que seja a sua condição em matéria de dinheiro e crédito, você não vai encontrar num shopping o amor e a amizade, os prazeres da vida doméstica, a satisfação que vem de cuidar de entes queridos ou de ajudar um vizinho em

> dificuldade, a autoestima proveniente do trabalho bem-feito, a satisfação do "instituto de artífice" comum a todos nós, o reconhecimento, a simpatia e o respeito dos colegas de trabalho e outras pessoas a quem nos associamos; você não encontrará lá proteção contra as ameaças de desrespeito, desprezo, afronta e humilhação (Bauman, 2021a, p. 12).

Neste aspecto, percebe-se o quão subjetivo é a questão, como não se pode medir por meio de números e, portanto, não pode ser comprada. É a ilusão, criada pelo mercado, de que se é feliz quando se consome para o próprio conforto e prazer que, possivelmente, tem se mostrado o grande problema na busca do homem pela felicidade.

Dessa maneira, criou-se um caráter ilusório do que é ela seria, tentando torna-la algo material, a que poucos com dinheiro suficiente podem ter acesso. Nas palavras de Bauman (2021a, p.43) "se a felicidade pode ser um 'estado', só pode ser um estado de excitação estimulado pela incompletude".

Esse sentimento de incompletude é, na teoria de Bauman, cada vez mais inflado pela forma com a qual o mercado dita as regras e normas de vida. Segundo Bauman (1998, p. 9), o ser humano é movido pelo desejo, portanto está sempre em uma busca constante de novas formas de realizações, experiências e valores.

Ele defende que:

> simultaneamente, mais amplo e mais profundo é o hiato entre os que desejam e os que podem satisfazer os seus desejos, ou entre os que foram seduzidos e passam a agir do modo como essa condição os leva a agir e os que foram seduzidos, mas se mostram impossibilitados de agir do modo como se espera agirem os seduzidos. A sedução do mercado é, simultaneamente, a grande igualadora e a grande divisora. Os impulsos sedutores, para serem eficazes, devem ser transmitidos em todas as direções e dirigidos indiscriminadamente a todos aqueles que os ouvirão (Bauman, 1998, p. 55).

Isso significa que o mercado dá, a todos os consumidores, as mesmas investidas, sem se preocupar se todos eles têm as mesmas condições de consumo e, portanto, se todos podem adquiri-los da mesma forma. Nesse aspecto, o autor coloca as investidas do mercado como uma grande forma de manipular a moral, a forma de pensar e agir das pessoas numa sociedade.

Quando as pessoas se veem presas a uma constante busca por saciar os seus prazeres individuais, o encontro com algo que deixe as pessoas felizes de verdade fica comprometido. As pessoas não sabem mais o que querem e muito menos sabem o verdadeiro sentido da felicidade.

7 Considerações finais

Ao longo deste trabalho, o caminho percorrido para análise da teoria de Bauman permitiu identificar alguns aspectos que mostram que a busca pela felicidade, embora seja um processo constante e persistente na história da humanidade, assume contornos distintos conforme as transformações sociais, culturais e econômicas de cada época.

Ao comparar a evolução da percepção da felicidade, pelo homem, desde a concepção de *eudaimonia* na filosofia grega, passando pela perspectiva teocêntrica do período medieval, até sua reinterpretação no contexto moderno-contemporâneo, pode-se observar que esse conceito é sempre permeado pelas tensões e desafios próprios vivenciados pelo homem, em cada período histórico. Tal constatação, portanto, reforça que a felicidade não é apenas uma experiência subjetiva, mas uma construção social que se molda conforme os valores, expectativas e estruturas de cada sociedade.

Nesse sentido, a reflexão e leitura de mundo proposta por Zygmunt Bauman (1925-2017) sobre a Modernidade Líquida oferece um arcabouço teórico privilegiado, que auxilia na compreensão dos impasses contemporâneos dessa busca. O autor, nas suas obras, evidencia que a fluidez característica da vida pós-moderna, profundamente marcada pela obsolescência programada, pelo consumismo desenfreado e pela instabilidade das relações interpessoais, contribui ativamente para um deslocamento profundo no modo como os indivíduos percebem e buscam a felicidade.

Um dos marcos históricos nesse processo é, sobremaneira, a transformação da sociedade de produção em sociedade de consumo. Essa mudança não apenas reorganizou os sistemas econômicos, como, também, remodelou a subjetividade humana, redefinindo desejos e expectativas por meio de uma lógica que associa a realização pessoal à aquisição constante de novos bens, experiências e sensações.

Nesse contexto em que a realidade se organiza atualmente, essas condições configuram um paradoxo central: quanto mais a sociedade promete instrumentos para alcançar a felicidade, mais distante ela parece se tornar. A promessa de plenitude é constantemente adiada, pois o mercado opera mediante a produção contínua de novos desejos e necessidades. Sob esse prisma, ela é convertida em mercadoria efêmera, sempre disponível, porém nunca verdadeiramente acessível, pois a sua obtenção pressupõe a continuidade do consumo. O indivíduo torna-se, assim, consumidor permanente de expectativas, vivendo entre a excitação da promessa e a inevitável frustração da incompletude.

Bauman destaca ainda que essa lógica se estende para além dos bens materiais, alcançando as relações interpessoais, que passam a ser avaliadas sob critérios de utilidade e desempenho. A

fluidez, tão característica da esfera econômica, atinge também a vida afetiva e comunitária, gerando vínculos frágeis e sentimento de insegurança que comprometem a construção de projetos existenciais sólidos — elementos fundamentais para qualquer concepção minimamente duradoura de felicidade. Ao enfatizar a instabilidade estrutural da modernidade líquida, o autor ilumina o modo como a velocidade, a incerteza e o individualismo afetam profundamente a capacidade humana de se orientar em direção a um ideal de vida boa.

A contribuição de Bauman, portanto, não se restringe a um diagnóstico sociológico, mas consiste também em um convite a repensar criticamente os fundamentos da busca contemporânea pela felicidade. Deste modo, ao analisar as obras do autor, é possível afirmar que, diante da forma como o mundo atual percebe a felicidade, faz-se necessário compreender os mecanismos que moldam desejos, valores e comportamentos na sociedade atual. Essa mudança de mentalidade constitui, portanto, um passo essencial para recuperar a autonomia do sujeito diante do fluxo incessante de estímulos que o mercado produz.

Além disso, essa reflexão revela a necessidade e, de certo modo, a urgência em se resgatar dimensões éticas, relacionais e comunitárias da vida humana que, nas sociedades atuais, estão frequentemente obscurecidas pela centralidade atribuída ao consumo e que permanecem fundamentais para qualquer concepção substantiva de realização pessoal.

Por fim, diante do exposto, conclui-se que a felicidade, na sociedade contemporânea, encontra-se submetida a profundas tensões humanas, que refletem tanto a fragilidade das estruturas sociais quanto a volatilidade das experiências individuais. Deste modo, a teoria baumaniana, ao evidenciar os limites e contradições da modernidade líquida, contribui para ampliar a compreensão sobre a forma que a busca pela felicidade foi reconfigurada ao longo dos séculos, até culminar no contexto atual, indicando, assim, caminhos possíveis para uma reflexão mais profunda sobre os modos de vida que o homem deseja construir para si e para os que o cerca. Assim, este estudo reafirma a importância de compreender a felicidade não como um produto imediato ou um ideal meramente subjetivo, mas como um fenômeno complexo, historicamente situado e inseparável das condições sociais que moldam a existência humana.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 1014p.

BARBOSA, Claudio Luis de Alvarenga. A Fundamentação da Felicidade em Marx. *Educação e Filosofia*. Uberlândia, v. 20, n. 39, p. 147-162, jan./jun 2006. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/417. Acesso em: 14 fev 2026.

BAUMAN, Zygmunt. *A Arte da Vida.* 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021a. 184 p.

_____. *Modernidade Líquida*. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021b. 280 p.

_____. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria.* 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. 199 p.

_____. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1998. PDF. Disponível em: https://edscamila.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/05/bauman-z-o-mal-estar-da-pc3b3s-modernidade.pdf. Acesso em: 14 fev 2026.

_____. "É muito difícil encontrar uma pessoa feliz entre os ricos", Entrevista com Zygmunt Bauman. Entrevista concedida ao jornal espanhol La Guardia – Tradução André Langer. Revista IHU on-line, 26 mai 2014. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/531655-e-muito-dificil-encontrar-uma-pessoa-feliz-entre-os-ricos-entrevista-com-zygmunt-bauman. Acesso em: 14 fev 2026.

CASTANHEIRA, Nuno. A Eudaimonia no Livro I da Ética a Nicômaco. *Philosophica: Revista Internacional de História da Filosofia.* v.13, p.99-127, 2005. Disponível em: https://www.pdcnet.org/philosophica/content/philosophica_2005_0013_0026_0099_0127. Acesso em 22 fev 2026. https://doi.org/10.5840/philosophica2005132628

FILHO, Juvenal Savian. O Epicurismo e a Ética: uma ética do prazer e da prudência. *Bioethikos*. Centro Universitário São Camilo. São Paulo, n.13, v.1, p.10-17, 2009. Disponível em: https://biblat.unam.mx/pt/revista/bioethikos/articulo/o-epicurismo-e-a-etica-uma-etica-do-prazer-e-da-prudencia. Acesso em 14 fev 2026.

SANTIAGO, Gabriel Lomba. A Concepção de Felicidade no pensamento de J.-J.Rousseau. *Revista Reflexão*, Campina, n85/86, p. 11-27, jan/dez 2004. Disponível em: https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/3194. Acesso em 22 fev 2026.

SILVA, Jaires Firmino da Silva. *A ideia de felicidade em Bauman: um contraponto à tradição.* 2022. 96 p. (Dissertação de Mestrado em Filosofia) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife. Disponível em: http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1675. Acesso em 14 fev 2026.

WHITE, Nicholas. *Breve História da Felicidade.* São Paulo: Loyola, 2009, 223 p.

Recebido: 06-01-2026

Aceito: 29-07-2026